

# VERSO e REVERSO

educando o educador

Curso por Correspondência para capacitação de professores de Educação Básica de Jovens e Adultos.

11

## ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

**GOVERNO JOSÉ SARNEY  
TUDO PELO SOCIAL**

**PRESIDENTE DA REPÚBLICA**  
José Sarney

**MINISTRO DA EDUCAÇÃO**  
Hugo Napoleão

**PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO EDUCAR**  
Lêda Tajra

Sumário

Ministério da Educação - MEC  
Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos - EDUCAR

11

# ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

Curso por Correspondência para  
capacitação de professores de  
Educação Básica de Jovens e  
Adultos



Rio de Janeiro 1988

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

© 1988 – Fundação EDUCAR

Av. Pasteur, 368 – CEP 22290 – Rio de Janeiro – RJ

Diretoria Técnica

*Autoria:*

Carmen Perrotta e Jane Paiva

*Supervisão:*

Maria Núbia Barbosa Bonfim

Assessoria de Comunicação/Área de Textos e Editoração

*Preparação de texto:*

Marilda Barroso Bottino e Rita de Cassia Martins Costa Brito

*Programação visual:*

Silvio de Moura Dias

#### FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos)

F981 Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos.  
Acompanhamento e avaliação. Rio de Janeiro, 1988.

21p. 28 cm. (Verso e Reverso – Educando o Educador, 11).

1. Educação de Adultos. 2. Avaliação. I. Título. II. Série.

CDU: 371.26(07)

CDD: 374.07154

87-28

# Sumário

---

Apresentação.....	5
O Filme .....	7
Com a Palavra, a Crítica.....	11
Enriquecendo o Debate .....	14
Glossário .....	19
Indicação Bibliográfica.....	20
Bibliografia.....	21

# Apresentação

---

É bem provável que, nesse momento do curso por correspondência, os participantes já estejam se perguntando pelo tema Avaliação, que é o objetivo deste material. Eles estão acompanhando o julgamento que está sendo feito em seus trabalhos enviados, podem estar concordando ou não com as observações, e interessados em saber porque o julgamento é feito dessa ou daquela maneira.

Nada mais oportuno, então, que tratar o tema com o objetivo de auxiliar o professor na avaliação que faz de seus alunos, além de

oferecer elementos para a avaliação do processo educativo e da sua própria atuação como professor.

A unidade de estudo tem uma apresentação diferente: começa pela *projeção* de um *filme* – o documentário *Sabe quanto vales* ou *Já vi esse filme antes*, para despertar o debate, a crítica, a reflexão. Presentes ao debate, especialistas que ajudaram, com suas idéias, a enriquecer a experiência dos autores e sua visão do tema.

... sua vida. Você é "seculista" e sua filha, enfrentando o desafio de ganhar a vida, se dedica a um trabalho que é diferente, com responsabilidades, obrigações...

## *Sabe Quanto Vales? ou Já Vi esse Filme Antes?*

... trabalho. Não se trata de uma escola de nível municipal, na zona da montanha. É uma, faz

... da escola. Não há ninguém. Chega até a única sala humilde, onde se encontram o professor e alguns alunos que comparecem e dialogam. A situação se desloca para o espaço do professor. Clássico. Ele lê o texto e fala, ainda de uma vez a outra: "Sei que não vão ficar muito tempo aqui, mas vou fazer uma avaliação correspondente".

São de pessoas que se relacionam, vivem de fora. Mas foram, agora, de fora gente.

... pessoas, gente, envolvidos, envolvidos...



# O Filme

Caros espectadores,

O documentário que temos o prazer de apresentar a vocês, em primeiríssima exibição, tem como personagem central o professor. E o professor, diante do fato concreto que vive constantemente na sala de aula, e que ainda hoje o atemoriza: a avaliação.

Esse personagem é do tipo que tenta acertar, ser melhor com seus alunos, mas nem sempre está no caminho certo. Ele pensa, age, reflete, acerta, erra, faz autocrítica, duvida de seus atos. Vive a "escola" e sua turma, enfrentando o desafio de permitir a todos o acesso a um saber que é de todos, sem preferências, ou privilégios.

## *Sabe Quanto Vales? ou Já Vi esse Filme Antes*

Cenário: Sala de aula de uma escola da rede municipal, na sede do município. É noite, luz

acesa, carteiras e cadeiras baixas, em grupos. A escola é, originalmente, para as crianças de 1º grau.

Personagens: o professor, 18 alunos de classe de alfabetização, jovens e adultos; trabalhadores uns; desempregados outros; subempregados também.

### Cena 1

Relógio marcando 19h. A câmera passeia pelas salas vazias da escola. Não há ninguém. Chega até a única sala iluminada, onde já se encontram o professor e alguns alunos que começam a chegar. A câmera se desloca para o rosto do professor. **Close.** Ele olha a sala, ainda quase vazia e pensa: "Será que não virão hoje? Logo hoje que ia fazer uma avaliação com eles?!"

Som de passos que se aproximam, vindo de fora. Mais fortes, agora, de mais gente.

— *Boa-noite, gente, boa-noite, professor!*

O grupo entra e começa a se ajeitar nas carteiras.

– Bem, gente, vamos começar o trabalho de hoje. Acho que não virão todos mesmo!

– Tem prova hoje, professor? Puxa, eu não estudei nada!

– Vou me arrasar!

– Tem sim. Guardem tudo, só lápis e borracha! Vou distribuir as folhas mimeografadas. Afastem as carteiras. Sentem mais separados.

A câmera mostra o movimento dos alunos. Jovens e adultos que se arrumam, afastando-se de seus colegas, ocupando a “posição de fazer prova”.

E aí, professor, você também é assim? Por que será que em dia de prova os alunos têm de assumir posturas diferentes das que assumem diariamente? Por que essa atitude autoritária de certos professores que chegam até a “trocar” os alunos de lugar em dia de prova?

Qual deles – professor ou alunos – não tentou criar formas geniais de “cola”, de matar aulas, de alterar trabalhos escritos, quando a repressão e a cobrança passam dos limites desejáveis?

E a autoridade escolar vê, nessas formas de resistência, a desonestidade. Mas, será desonesto agir assim? Será correto definir conteúdos e currículos, estratégias de avaliação que fazem do aluno objeto, e não permitem que ele participe da proposta de aprendizagem voltada para ele?

Não seria mais construtivo trabalhar com os alunos as formas de organizar o processo de

ensino-aprendizagem, definindo junto quais as medidas para verificação de seu crescimento, em função do que desejam aprender, sem medos, sem culpas, sem ameaças?

Por que preservar esse papel para a avaliação?

## Cena 2

Alguns dias depois, a câmera volta novamente para a sala de aula. O professor anuncia que vai entregar as notas das provas, pois já as corrigiu.

– Professor, fomos bem na prova? fala um aluno ansioso.

... repare que o aluno não se percebe como um indivíduo e seu rendimento, mas o todo, o coletivo, é que conta: fomos significa o grupo, mas observando pela classificação que cada um tem no grupo, quem foi melhor ou pior, quem é “bom”, quem é “fraco”? Certamente ele sabe que a sua classificação deverá definir em que “prateleira” ele ficará: na prateleira dos “bons”, dos “médios”, dos “fracos”, sem a mínima chance de sair dela. É assim que, quase sempre, a escola “avalia” seus alunos. Constata a condição de cada um, põe o rótulo e... nada faz para que eles possam ultrapassar essa condição. Nem ao menos se pergunta se o aluno é aquilo mesmo que a prova definiu, ou se a prova não servia para medir nada... ou o professor, num dia de péssimo humor, cansado, foi tão rigoroso que viu o aluno negro? Mas... voltemos à cena.

Foco no professor:

– Infelizmente não, pessoal. Não sei o que aconteceu... Bem, acho que sei: a prova estava muito difícil para avaliar o que vocês



*já aprenderam. Acho que me animei com o progresso de vocês e tentei exigir mais do que poderiam dar.*

... Que surpresa! O professor, consciente de que sua exigência estava acima do conhecimento que os alunos já detinham, se auto-avalia e declara que falhou. Que teve uma percepção do progresso da turma que não correspondia à realidade. Mas vejamos...

Professor continuando:

*– Sendo assim, vamos retomar o assunto que tinha caído na prova, cada um vendo as suas respostas, e vamos novamente explicar, discutir cada coisa até que todos tenham entendido. Eu não posso avaliar aquilo que vocês ainda não sabem!*

O professor, usando a prova como diagnóstico de situação, passou a tomar uma decisão importante sobre ela: voltou a discutir os assuntos ainda não dominados pelo grupo, permitindo aos alunos um tempo maior para realizar a aprendizagem. Com isso, passa a estabelecer um clima de confiança, pois os alunos verificam que o professor não está interessado em avaliar o que não sabem, como ele mesmo diz, mas, sim, verificar o que já aprenderam e, conseqüentemente, o que falta dominar. Participam os alunos da revisão dos procedimentos de ensino, observando que também o professor pode falhar. E, visto o erro, reformular sua idéia e recomeçar.

### Cena 3

Novamente a sala de aula. Alunos em grupos executando um exercício de avaliação (a

“prova” foi abolida). A câmera acompanha o professor, que circula pelos grupos, observando o trabalho dos alunos, orientando uns, tirando dúvidas de outros. Os alunos trabalham atentamente, trocam idéias, discutem pontos divergentes, retomam o exercício.

*– Veja, Paulo, você aqui seguiu todo o raciocínio corretamente, mas observe como fez esta conta! Diz o professor.*

Close no Paulo. Paulo observa e revê seu problema.

*– Certo, professor, errei nos cálculos. “Fiz de cabeça” e me enganei. Claro que este não poderia ser o resultado, pois cheguei a um valor menor do que o número inicial.*

O professor sorri. Melhor do que ver Paulo descobrir o erro na conta, foi verificar que a análise que fez da resposta falsa estava perfeita.

*– Professor, você poderia me explicar este exercício? Não entendi bem o que você quer que eu faça.*

*– Pois não, Luci, vamos reler para ver onde está sua dúvida.*

Dessa forma, o professor está auxiliando concretamente os alunos a resolverem – e superarem – as dificuldades que se vão apresentando. Certamente que, com a continuidade, vão ficando mais autônomos e independentes na resolução dos trabalhos. O professor acompanha cuidadosamente o desempenho dos alunos, realimenta, explica, enfim, vai de onde cada um está até o ponto aonde deve chegar. Com isso, conhece melhor seu grupo, cada aluno, suas dificuldades e facilidades.

## Cena 4

A câmera acompanha, de longe, o trabalho na sala de aula. Os alunos discutem, dão apertes, ouvem, replicam. O professor está distribuindo os exercícios corrigidos e comentando-os:

Close em dois alunos que conversam:

– *Viu, Luci, esse professor é um barato! Nada de notas baixas e o melhor é que a gente aprende!*

– *É Paulo... tão diferente da escola que eu ia quando era pequena ... lá o professor gostava de ser durão, de dar nota baixa e dizer que a gente não sabia nada. Parece até que ele não demonstrava com isso que era incompetente, que não sabia ensinar!*

– *Assim dá até vontade de vir à escola. Escola que é escola não pode espantar o aluno! Mesmo cansado, tenho vontade de vir. Posso falar, que sou ouvido. O que eu vou aprendendo está sendo útil na minha vida.*

*Sinto cada vez mais vontade de participar e de aprender.*

... o aluno aqui é quem avalia. Avalia a escola, o professor, os conteúdos. Por que ignorar o papel de avaliador do aluno? Por que não fazê-lo participar continuamente do processo de avaliação? Não é só ele que deve ser avaliado. Tudo deve ser avaliado, julgado, para que, a partir da idéia e do juízo que se faça das coisas, se possa pensar em mudar, em caminhar.

A câmera vai se afastando, focalizando o grupo que continua a trabalhar. A escola vai-se perdendo no foco, o escuro se faz.

**E você, professor, já viu esse filme antes? Essas cenas acontecem na sua sala de aula? O que você faz em situações semelhantes?**



# Com a Palavra, a Crítica

Poderíamos continuar apresentando outras cenas do documentário. Mas, qualquer professor é capaz de imaginá-las, refletindo sobre a prática de avaliação que tem acontecido em sua sala de aula. Para orientar a reflexão que deve ser feita

sobre a prática de avaliação, três questões de fundamental importância se colocam:

- O que é avaliação?
- Para que serve avaliar?
- Como se avalia?

**Você certamente tem uma opinião própria sobre essas questões. Leia os textos a seguir e confronte as suas idéias com as de outras pessoas que também pensaram a esse respeito, na sua prática educativa.**

1. Na Baixada Fluminense<sup>1</sup>, área periférica da cidade do Rio de Janeiro, vem-se desenvolvendo um projeto de educação básica para jovens e adultos, com entidades dos movimentos populares da região.

Na definição desse projeto, a avaliação foi concebida com um processo investigativo que tem a finalidade de sistematizar e fornecer, constantemente, elementos inovadores à ação desenvolvida. Para isso acontecer, as

<sup>1</sup> A experiência já foi relatada na Unidade 2: A Educação de Adultos no País.



assembléias comunitárias<sup>2</sup>, os conselhos pedagógicos<sup>3</sup> e os encontros semanais realizados em pólos<sup>4</sup> são considerados os instrumentos de grande relevância para avaliar o desenvolvimento do projeto.

A proposta de avaliação inclui, ainda, um momento privilegiado: é quando, ao término anual do trabalho, o projeto é avaliado em seus aspectos políticos, pedagógicos e administrativos, juntamente com os alunos, professores, supervisores, assistentes administrativos e representantes das entidades envolvidas, em espaços específicos, segundo a função própria de cada um dentro do projeto, e de forma coletiva, envolvendo todos os integrantes.

Na fase experimental desse projeto, o desenvolvimento do aluno foi avaliado sob múltiplos aspectos, tais como: aquisição de conteúdo (rendimento); participação em grupo e nos debates; capacidade crítica, de verbalização, de criação; etc.

Vários instrumentos foram utilizados, incluindo-se ficha de observação e testes. Durante todo o período, foram aplicados dois testes. O primeiro, logo no início, para diagnosticar o nível de conhecimento dos alunos e organizar as classes. (Em alguns casos, devido a problemas de espaço, horário e número de participantes, organizaram-se **classes multisseriadas** com alunos em diferentes estágios de conhecimento de

leitura, escrita e cálculo.) O segundo teste, quatro meses depois, foi aplicado com a intenção de ajudar o professor a aferir os conhecimentos e objetivos alcançados. Caracterizou-se o teste, ao final do processo, como um instrumento formal, bastante criticado por todos, inclusive pelos próprios criadores, como mostra o depoimento de um Supervisor Pedagógico:

"A prova não é um instrumento coerente com a metodologia do projeto. Temos que pensar e criar outros instrumentos mais adequados. Acho que deveríamos fazer prova somente para os alunos que vão para a rede formal..."

2. O professor Cipriano Carlos Luckesi, da Universidade Federal da Bahia, vem refletindo e escrevendo sobre a avaliação educacional escolar. Em um de seus artigos<sup>5</sup>, conceitua a avaliação como "um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão". Para ele, o ato de avaliar serve como uma parada para repensar a prática e retornar a ela. O momento de avaliação deveria ser um "momento de fôlego" na escalada, para, em seguida, ocorrer a retomada da marcha de forma mais adequada e nunca um ponto definitivo de chegada, especialmente quando o objeto da ação avaliativa é dinâmico, como a aprendizagem. A avaliação auxilia o avanço e o crescimento.

<sup>2</sup> As Assembléias comunitárias, realizadas mensalmente, contam com a participação de todos os integrantes do processo (representantes das entidades, técnicos da EDUCAR, professores, supervisores pedagógicos, assistentes administrativos, coordenadores de área e alunos), privilegiando-se a análise e reflexão sobre os aspectos políticos e gerenciais do projeto.

<sup>3</sup> Os conselhos pedagógicos visam acompanhar o desenvolvimento dos alunos, analisar o desempenho dos professores e refletir sobre a assessoria dos supervisores. É um mecanismo usual para redirecionar as atividades pedagógicas, reorientar os encontros de capacitação, além de servir para acompanhar o desenvolvimento dos alunos, professores e supervisores.

<sup>4</sup> Nos pólos, os encontros semanais são dedicados à discussão das questões pedagógicas, envolvendo o trabalho concreto de sala de aula, dificuldades do professor e do aluno, bem como são tratadas questões de ordem administrativa e política.

<sup>5</sup> Ver indicação bibliográfica.

Ele propõe que cada educador, no íntimo de sua sala de aula, assuma ser um companheiro de jornada de cada aluno; fato que não significa defender a total igualdade de ambos. O professor terá obrigatoriamente que ser diferente, mais maduro e mais experiente. Tecnicamente, ao planejar suas atividades de ensino, o professor estabelecerá o mínimo necessário a ser aprendido efetivamente pelo aluno. Enquanto o aluno não conseguir esse mínimo (condições mínimas de competência para a convivência social, ou seja, o mínimo necessário para que cada "cidadão" se capacite para se governar), ele tem de ser reorientado.

**Professor, que lhe pareceram essas posições? Elas se aproximam ou se distanciam dos seus pontos de vista? Como é a sua prática de avaliação na sala de aula? Como é a prática de acompanhamento e avaliação no projeto educativo em que você atua?**



# Enriquecendo o Debate

A Supervisora Pedagógica Vera Marília Garcia da Costa escreve que o ato de avaliar está presente em todas as situações da vida humana. Constantemente estamos desenvolvendo algum tipo de avaliação: quando nos relacionamos com os outros – vendo e ouvindo, falando e escrevendo, concordando, duvidando –, fazemos um balanço de nossos limites e possibilidades para ir em frente; escolhemos os caminhos para o nosso aprimoramento.

Podemos acrescentar que, às vezes, a nossa avaliação se restringe a atribuir um valor às coisas; às vezes, ela procura estabelecer relações entre aquilo que observamos e algum padrão que usamos como referência; às vezes, procuramos ver o quanto falta àquele estágio que chegamos, para atingir algum ponto que fixamos, ou que temos de atingir.

Na escola, a avaliação também acontece, só que de uma forma mais organizada,

planejada, envolvendo professor e alunos. A avaliação deve sempre acompanhar o trabalho de classe.

A avaliação está presente no planejamento de trabalho feito pelo professor que, em geral, define: para que ensinar (os objetivos); o que vai ensinar (os conteúdos); como vai ensinar (métodos e técnicas) e como avaliar.<sup>6</sup>

E, na prática da avaliação, estão envolvidos quatro elementos, a saber:

- a realidade que vai ser avaliada;
- um padrão de referência (com o qual vão-se comparar os resultados obtidos);
- um juízo de valor (julgamento em relação ao padrão de referência); e
- uma decisão que se toma a partir da avaliação.

<sup>6</sup> O tema sobre planejamento foi abordado na Unidade 4: Planejamento.



A avaliação, porém, poderá servir a diferentes usos, em íntimo acordo com a proposta pedagógica que se tiver escolhido<sup>7</sup>.

Assim, um modelo pedagógico conservador admite e até implementa renovações internas ao sistema escolar, mas não propõe e nem permite propostas de sua ultrapassagem. Uma pedagogia nesse modelo é coerente para manter o sistema social na sua integridade. A prática de uma avaliação autoritária serve ao controle e enquadramento dos indivíduos nos parâmetros estabelecidos para o equilíbrio social. A avaliação é, nesse modelo, um instrumento disciplinar não só das **condutas cognitivas** como também das **condutas sociais**, no contexto da escola.

Num modelo pedagógico para a transformação, está implícita a opção por um sistema escolar que pretende a humanização dos educandos; sistema onde os alunos passam a ser sujeitos de um processo de mudança e não objeto de ajustamento.

Dessa forma, uma pedagogia nesse modelo volta-se para as perspectivas e possibilidades de transformação social. Nesse sentido, a prática de avaliação atenta para modos de ultrapassagem do autoritarismo e para o estabelecimento da autonomia do educando. Atua como um mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o crescimento dos indivíduos e dos grupos, e não a sua estagnação disciplinadora.

Nas escolas, de uma maneira geral, a prática de avaliação vem barrando o avanço e o crescimento dos educandos. Nessa prática, a função da avaliação tem sido somente a de classificar os alunos num padrão determinado.

Em sua aprendizagem escolar, o aluno poderá ser definitivamente classificado como inferior, médio ou superior.

Essas classificações são registradas e transformadas em números, podendo, por isso mesmo, ser somadas e divididas em médias. Será que o inferior não pode atingir o nível médio ou superior? Os professores sabem que isto é possível e até defendem a idéia do crescimento. No entanto, quando se faz a verificação do aprendido, atribuem-se conceitos ou notas aos resultados (que são, supostamente, manifestações relevantes do aprendido), encerrando-se aí o ato de avaliar. A nota passa, então, a expressar a situação do aluno, permanecendo ele nessa situação.

Com a função classificatória, a avaliação não auxilia em nada o avanço e o crescimento; apenas serve para torná-lo estático e acabar, até, por inibi-lo. Ela subtrai da prática de avaliação o que lhe é essência; tomar decisões quanto à ação que ocorreu, isto é, assumir uma nova ação para superar as insuficiências, as dificuldades percebidas.

Esse modelo de avaliação, que classifica definitivamente os alunos, pode ainda ser ampliado em suas possibilidades de uso arbitrário. Exemplificamos:

- O "humor do professor" pode tornar dados relevantes – a partir dos quais se deve manifestar o julgamento do valor – em irrelevantes. (Daí observarmos a avaliação que prepara "armadilhas" nos testes; questões para "pegar os despreparados"; testes para "derrubar todos os indisciplinados".) Os dados relevantes são substituídos, por causa do autoritarismo do professor, por dados que

<sup>7</sup> As tendências pedagógicas da educação já foram abordadas na Unidade 2: A Educação de Adultos no País.



permitem o exercício do poder disciplinador, comum no sistema social vigente.

- O "juízo de valor" pode também ser alterado, se estabelecermos novos critérios de julgamento, ou seja, novos padrões de referência, a partir de determinados interesses. Pode-se, assim, aumentar ou reduzir o padrão de exigência, se desejarmos facilitar a aprovação de alguém; ou ao contrário, se desejarmos reprovar alguém. A objetividade na avaliação fica perdida, pois não se determinam os critérios com antecedência.
- A ambigüidade em questões de um teste poderá fazer também com que o professor considere uma resposta do aluno como inadequada, apesar de corresponder a uma interpretação possível. O professor autoritariamente decide que a questão estava bem formulada, e o aluno é classificado como incompetente.
- O mecanismo disciplinador de condutas sociais atribuído à avaliação, quando o professor "corrige a indisciplina" na sala de aula com um teste surpresa, ou ameaça os alunos com a redução dos resultados.
- O recurso do "ponto a mais" ou do "ponto a menos" que o professor soma ou subtrai à nota do aluno, exercitando ao máximo o seu arbítrio.

A escola precisa sair do pensamento de que quem é bom segue, e quem não é não tem jeito mesmo. Se continuarmos a pensar assim, estaremos reforçando a educação que não é para todos, uma educação não-democrática, que aceita que a escola tem um só modelo e não admite aquele que foge às suas regras. A igualdade de oportunidades precisa começar no reconhecimento das diferenças e nas propostas de trabalhar a partir das diferenças.

O modelo de avaliação para a transformação exige uma postura diagnóstica, onde se parte do momento em que se está e de sua distância em relação ao ponto que deve ser atingido. Para isso, o professor usará, continuamente, como referencial, os objetivos que estabelecer para o trabalho pedagógico.

Nesse modelo, é evidente que a própria proposta pedagógica pressupõe que cada indivíduo é sujeito de aprendizagem e não objeto, e que seu crescimento se dá em ritmo próprio e diferenciado. Ou seja, cada aluno tem sua forma de aprender e seu "tempo" de aprender, não se podendo admitir que sua capacidade seja reduzida se ele apenas é mais lento, ou que sua capacidade seja maior, se ele vai mais rápido.

Então, para conhecer os alunos – saber seus níveis de conhecimento, seus interesses, seus próprios valores, suas experiências anteriores – o professor precisará ser um observador atento, acompanhando todas as manifestações em que eles expressem seus desempenhos. Portanto, não será apenas a partir de uma única situação de avaliação que o professor chegará a conclusões sobre seus alunos, mas sim de muitas situações observadas. Isto é, assumir o diagnóstico da aprendizagem continuamente, para, a partir do que se verifica, tomar a decisão de ultrapassar as dificuldades detectadas. Dessa forma, o professor não classifica o aluno (bom, médio, ruim, etc.), mas constata sua situação naquele momento e parte para a ação que poderá modificar seu desempenho (do aluno).

O procedimento habitual do professor, durante todo o tempo de trabalho, vai ser: ensinar, avaliar, replanejar, começar de novo, reforçar os pontos de dificuldade, enfim, verificar e



propondo novas formas de trabalho, não esperando o final do ano para chegar à conclusão definitiva de que não há mais nada a fazer.

A preocupação do professor com a avaliação deve também estar voltada à observação da habilidade que os alunos devem ir conquistando de transferir as aprendizagens para a vida, descobrindo pontos comuns entre aquilo que estão aprendendo e as situações que costumam viver, para entendê-las melhor.

Essa é a grande questão na escola em geral, pois quando os alunos não descobrem utilidade nos conhecimentos escolares, acabam desestimulados. Quanto mais as aprendizagens tiverem real interesse na vida do aluno, mais duradouras e permanentes serão.

Como, então, o professor deve trabalhar?

Não cabe ao professor assumir a posição de dono do saber, exercendo sua autoridade sobre os alunos, só porque já sabe aquilo que eles ainda vão aprender. A função do avaliador não deve ser realizada, apenas, pelo professor, mas por professor e alunos. Tanto quanto o professor, os alunos são interessados em reconhecer o seu progresso, o seu desenvolvimento.

Para chegar a isso, o professor estabelecerá claramente, com os alunos, as "regras do jogo", ou melhor, um verdadeiro "contrato de trabalho". Nesse "contrato", os alunos saberão aonde devem chegar (os objetivos do que vão aprender); o que vão estudar (os conteúdos da aprendizagem); como vão estudar (os procedimentos e recursos didáticos); e como será a avaliação. Assim, o professor não será o único responsável pela

aprendizagem dos alunos, já que eles estarão participando intensamente do ato educativo. Dessa forma, o professor também será avaliado, pois tanto quanto os alunos, ele precisa saber sobre o que tem feito, para poder continuar melhorando cada vez mais.

Sistematicamente, deve haver momentos em que alunos e professores discutem o andamento das coisas, vendo se as formas que têm sido usadas estão facilitando a aprendizagem ou se deve haver mudanças para atender melhor às necessidades dos alunos.

Além da avaliação por meio de testes, exercícios, etc., o professor deverá prever momentos de avaliação em que os alunos expressem suas opiniões sobre seus próprios desempenhos.

Num trabalho de grupo, por exemplo, além da "nota" que o professor atribuiu ao trabalho, os alunos poderão estabelecer critérios para avaliarem sua participação na execução do trabalho, isto é, quanto cada um deles contribuiu para executar a tarefa. Pontos como interesse na atividade, colaboração trazendo materiais para o trabalho, colaboração com idéias, relacionamento no grupo poderão ser alguns dos que eles deverão avaliar. Com isto, o professor poderá ajustar a cada um a "nota final" do trabalho, vendo exatamente em que medida cada um colaborou para o resultado e quais os que "se encostaram" no grupo.

O professor não precisa se preocupar, pensando que seus alunos não saberão fazer seu próprio julgamento. Como responsáveis pela sua aprendizagem, eles costumam ter tanto interesse quanto o professor em saber "a quantas andam". O professor precisa



acreditar neles e demonstrar sempre confiança no julgamento que fizerem, orientando-os para que eles possam, a cada dia, fazê-lo melhor.

Quanto mais o professor for fiel no registro das observações que faz de seus alunos, mais estará ajudando a continuidade do seu aprender nos momentos que se seguirão.

Não é só a nota ou o conceito que bastam para um trabalho educativo. Normalmente eles querem dizer muito pouco.

A avaliação, como diagnóstico, representa não só a possibilidade de o aluno verificar o que aprendeu diante do que sabia, mas, também, de ser capaz de perceber criticamente a si e a realidade que o cerca.

**Professor,**

**É importante o envio de suas respostas. Após a correção das atividades respondidas, você receberá, individualmente, observações sobre seu desempenho.**

**Não interrompa seu curso! Continue respondendo!**

# Glossário

---

**Classes Multisseriadas** – Forma de agrupamento dos alunos, muito comum nas escolas do interior, que têm, geralmente, uma só sala de aula. Nessas escolas, uma única professora trabalha, na mesma classe, com alunos de séries diferentes.

**Close** – Palavra inglesa, já incorporada ao vocabulário da língua portuguesa, que expressa a imagem ou fotografia de um objeto que está muito próximo da máquina de filmar ou de fotografar.

**Condutas Cognitivas** – Tipos de comportamentos referentes à área intelectual, isto é, aos conhecimentos de fatos, dados, informações e assuntos relativos às diferentes matérias de estudo: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, etc.

**Condutas Sociais** – Tipos de comportamentos referentes à área das relações humanas, isto é, às formas de convívio, participação, cooperação, envolvendo, também, as relações afetivas entre os indivíduos.



# Indicação Bibliográfica

- Avaliando a avaliação. Revista de Educação AEC, Brasília, abr./jul. 1986.

Este número da revista discute a avaliação escolar em artigos, debate e relato de experiência, na visão de sete diferentes autores.

Recomendamos a leitura da publicação, especialmente os textos:

– Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo, de Cipriano Carlos Luckesi, autor já referenciado no corpo da unidade de estudo (p. 23-37).

– Avaliação: um processo libertador, de Vera Marília Garcia da Costa, autora já referenciada,

também, no corpo da unidade de estudo (p. 38-41).

– Nota: para quê?, de Reinaldo Matias Fleuri, onde o autor discute de forma crítica e até irônica, questões a respeito dos procedimentos de avaliação usados na escola. (p. 49-58).

- Avaliação do aluno do Programa de Educação Básica. Rio de Janeiro, Fundação Educar, 1987.

Esta publicação faz parte de uma pequena coletânea destinada aos professores do Programa de Educação Básica – PEB, alternativa de atendimento educacional para jovens e adultos desenvolvida pela Fundação EDUCAR. Aborda a função diagnóstica de avaliação, base da proposta pedagógica.

# Bibliografia

---

AVALIANDO a avaliação. *Revista de Educação AEC*. Brasília, v. 15, n. 60, abr./jul. 1986.

FUNDAÇÃO NACIONAL PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. *Avaliação do aluno do Programa de Educação Básica*. Rio de Janeiro, 1987, 49p.

LUCKESI, Carlos Cipriano. Avaliação educacional; pressupostos conceituais.

*Revista Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, 7 (24): 5-8, set./out. 1986.

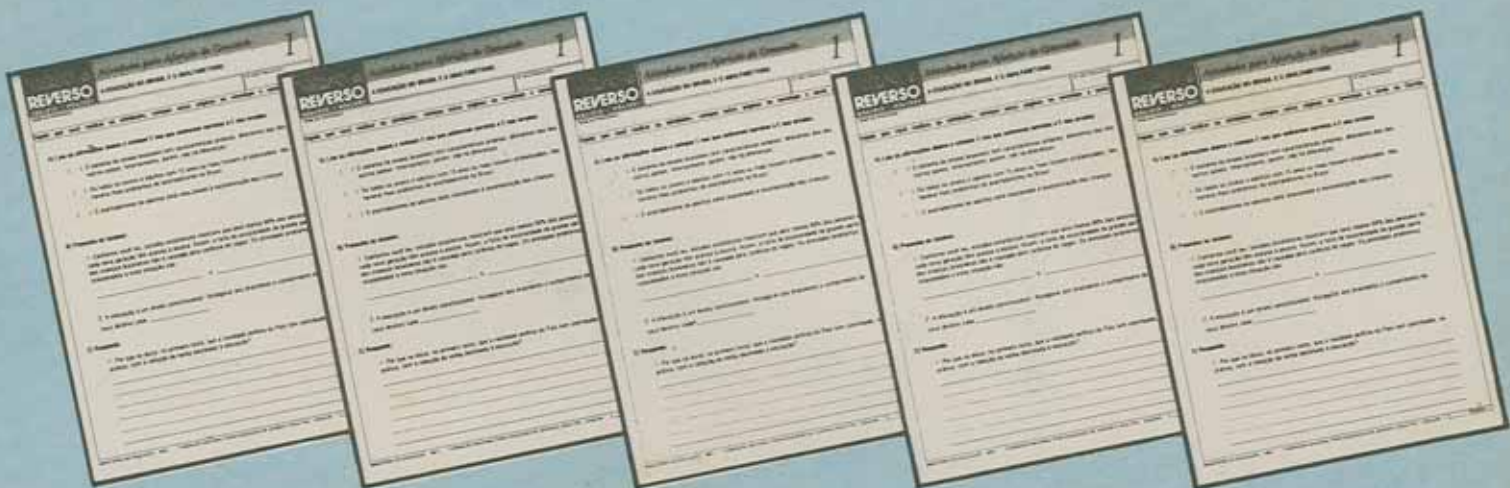
NOGUEIRA, M. J. & FUSARI, J. C. Foco e análise diretores. *Revista ANDE*. São Paulo, 3 (6): 50-58, 1983.

UNICEF, *Relato de uma experiência de Educação de Adultos na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro, 1987. n.p.



**Um dos grandes  
problemas do ensino por  
correspondência é o não-  
envio das respostas dos  
participantes dos cursos.**

**Vamos mudar essa  
situação!**



**Envie suas atividades respondidas, junto  
com a ficha de avaliação da Unidade.**